

Formiguinhas

Todos os dias Lúcia acordava cedo. A verdade é que dormia pouco. Quando o sol apontava, ela já estava na lida.

Acendia o fogo e já mexia duas panelas. Fazia almoço enquanto coava o café. Entre uma coisa e outra alimentava os bichos. Fazia as marmitas de todos e empurrava a criançada no rumo da escola. No caminho da roça comia um pedaço mandioca para reforçar o corpo.

Nos dias melhores, acompanhava o passo largo cantarolando baixinho. Nos piores, escondia o choro olhando os próprios pés. Às vezes viver ficava pesado demais. Doíam-lhe as costas, as pernas, a cabeça. A dor chegava até a alma, junto com palavras duras, dirigidas a ela ou à outra mulher ao seu lado. Sempre uma mulher.

Se fazia alguma coisa diferente da forma como sempre foi feita, “...não servia para nada mesmo!” ou “era bicho burro”. Se tinha ideias para melhorar a produção ou a renda, ouvia “não dá palpite que isso não é assunto seu!” ou “Cala a boca e agradece o que tem”.

Lúcia baixava a cabeça. Tinha medo de piorar as coisas. De, em lugar de palavras, sentir o peso da raiva atingindo seu corpo. Quantos machucados as mulheres escondiam envergonhadas...

Então, ela assumia a carga e procurava melhorar. Acordava ainda mais cedo, trabalhava mais e mais, sem parar, sem pensar. Quem sabe seu trabalho, sua dedicação, sua presença fosse reconhecida. Se não, passava discreta pela vida. Não ser vista e não ser esmagada.

Uma tarde ela caminhava pela trilha, no rumo de casa, carregando um feixe de lenha na cabeça. O sol já estava baixo. Cansada e com fome, pensava na janta, em aguar a horta, em ajudar a filha que queria continuar os estudos, no dinheiro que estava curto. Tantas coisas lhe enchendo a cabeça que precisou de mais ar. Respirou fundo e ouviu passos logo atrás. Virou-se desconfiada e viu que era Rosana. Conheciam-se de vista. Lúcia até simpatizava com a mulher, mas nunca haviam conversado. Olharam-se num cumprimento sem jeito e ficaram lado a lado na trilha. Depois de uns metros, Rosana comentou:

- Suspiro profundo, hein!? Lúcia não respondeu, achando a outra intrometida.

- Às vezes parece que a gente não cabe na gente, né... – completou a outra tirando da sacola uma mexerica que dividiu ao meio e compartilhou com Lúcia.

Elas se encararam por um tempo. Lucia pegou a fruta, mas não conseguiu comer. Sentia uma pontada no peito ao ouvir as palavras da mulher ao seu lado. Achou que devia responder e a obrigação virou uma conversa honesta. Falaram sobre tudo o que cabia e não cabia em suas vidas. O que viviam e ninguém via. Falaram dos medos, dos silêncios. Do trabalho invisível que nunca terminava e nunca era suficiente. Cada uma se vendo nas histórias que a outra contava. Aprendendo outros jeitos de ver e fazer as coisas. A casca não era a mesma. As vivências eram parecidas. Mas, lá dentro, havia um sentimento comum.

Naquela noite Lúcia ficou repassando a conversa. Até aquele dia pensava que a vida estava certa e ela, sim, tinha um problema, um defeito. Mas não estava sozinha. Rosana também vivia coisas parecidas.

Uma pulga já estava instalada atrás da sua orelha: e se mais mulheres estivessem vivendo assim? Se a situação que ela e Rosana viviam não fosse um problema delas, mas uma espécie de doença contagiosa? Uma coisa que atinge as mulheres, que não pedem nem nascem com isso, mas que acaba tomando conta delas quando vêm ao mundo? Uma espécie de doença do mundo que faz as mulheres se amiudarem.

Demorou uma semana para encontrar Rosana de novo. Dessa vez não esperou para compartilhar seus pensamentos. Desagouou tudo de uma só vez. Rosana ouviu com cara assustada. Concordaram que, se tudo havia começado com uma conversa, precisavam conversar com outras mulheres. Combinaram de assuntar. Com muita dificuldade, aproveitaram todas as oportunidades, para se aproximar de mulheres que conheciam, mas com quem raramente conversavam, porque não tinham tempo, porque não tinham o hábito.

As conversas renderam, e as mulheres começaram a pensar sobre suas vidas de um jeito diferente. Tinham tocado num ponto delicado em que as raízes de cada uma se encontravam com as outras. Era preciso fortalecer essa base. Elas queriam mais e resolveram achar tempo e lugar para se encontrarem.

Combinaram de deixar a janta pronta mais cedo e se reuniram embaixo de uma mangueira que ficava no terreno da escola da comunidade. Levavam café e quitandas. No primeiro encontro, apenas comeram e beberam. Nunca tinham se encontrado para fazer alguma coisa para elas. O que todas sentiram, mas não disseram, foi uma estranheza boa. Uma tarde, uma delas quebrou o silêncio e perguntou, meio irritada, o que estavam fazendo ali. Rosana se lembrou de cada conversa dos últimos meses e de como se sentia a cada novo encontro e disse:

- A gente tá aqui prá respirar.

Diante de olhares cheios de dúvida, ela contou a primeira conversa com Lúcia. Foi como puxar a ponta do novelo. Logo, outras mulheres começaram a compartilhar suas histórias. Dividiram o que sabiam, o que não sabiam e o que desejavam. Transbordaram tudo que carregavam em silêncio aliviando o coração.

Teve risada e boca aberta de espanto. Teve choro. E nada disso precisou ser contido. Todo mundo aprendia um pouco e ensinava outro tanto. Um trouxeram viola e pandeiro e, às vezes, enchiam de música a noite que caía.

Algumas mulheres deixaram de ir. Nem sempre era possível vencer as batalhas para chegar até lá. Outras vieram, curiosas e com medo. Cada dia saíam dali com uma ideia nova para lidar com a roça, a horta, a família, os companheiros. Em algum momento criaram e apresentaram propostas para melhorar a escola.

Buscaram ajuda fora da comunidade. Assistência para a plantação e criação. Advogado para conseguir direitos que nem sabiam que existiam. E agora, que conheciam, usavam. Começaram a ouvir outras coisas ao seu redor. - Mulherada braba! - diziam.

Cada vez que apareciam novos obstáculos, elas buscavam no grupo a força para não voltar a ser o que nunca foram.

Às vezes eram vistas cantando alto, sozinhas nas trilhas, na roça, na cozinha. Mas ficava mais bonito, quando faziam coro: vozes diferentes, carregadas de sentimentos, construindo uma mesma música.

Nota: Esse conto é inspirado nas narrativas de mulheres rurais, trabalhadoras e agricultoras vinculadas ao movimento agroecológico brasileiro, que conquistam lentamente mudanças para si, suas famílias, suas comunidades e para a sociedade. Mulheres corajosas, que inventaram caminhos coletivos para ressignificar suas vidas, resistindo às múltiplas e violentas manifestações e imposições da sociedade capitalista patriarcal. Lúcias e Rosanas compartilharam suas histórias conosco, contribuindo para um projeto de pesquisa. Mas, o potencial de suas experiências é muito maior.